



MUSEU DO SERINGAL VILA PARAÍSO: ESPAÇO HISTÓRICO SOCIAL DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.

(1) TRINDADE, Daniela Sulamita Almeida da; (2) JESUS, Edilza Laray de;

Universidade do Estado do Amazonas, e-mail: danielasat76@gmail.com; (2) Universidade do Estado do Amazonas, e-mail: edilzalaray@gmail.com

Resumo: Abordar o tema divulgação científica em museus implica em enfatizar a interpretação do acervo e exposição, considerando o seu vínculo com os avanços científico-tecnológicos, incorporado ao desenvolvimento socioeconômico das sociedades ocidentais. Devido seu potencial de comunicação a uma diversidade de visitantes, o museu pode ser utilizado como ambiente educativo a serviço da investigação, difusão de conhecimento científico; criação e reconhecimento de identidades e de práticas culturais e sociais. Diante disso, o Museu do Seringal Vila Paraíso como espaço institucional histórico-social que compõe o roteiro de atrativos turísticos da cidade de Manaus – AM é descrito e percebido nesta abordagem como espaço de memória, cujo acervo material e simbólico representado pelos artefatos, precisa ser visualizado e contextualizado a questões da atualidade. Nesse processo, a partir de uma pesquisa qualitativa, com aporte bibliográfico, de cunho fenomenológico, busca-se como objetivos: analisar os potenciais do Museu do Seringal Vila Paraíso para a realização de atividades turísticas e educativas de divulgação científica na cidade de Manaus/AM; relacionar turismo e museu como articuladores de Divulgação Científica; descrever algumas potencialidades do Museu do Seringal para a divulgação científica no âmbito das atividades turísticas e escolares da capital amazonense. Sendo assim, baseado no extrativismo da borracha nativa, o respectivo museu pode ser percebido e compreendido a partir de sua paisagem natural cercada pela floresta e trilhas, que dão acesso a diversas exposições alusivas à vida cotidiana dos seringueiros e suas práticas instrumentais de coleta e transformação do látex, convidativas a interpretação do visitante.

Palavras-chave: Museu do Seringal, turismo, divulgação científica.

INTRODUÇÃO

O museu é um agente de intensa interação social entre os visitantes; um espaço institucional de natureza privada ou pública, que possibilita a divulgação de bens culturais (LIMA, 2010), a guarda e exposição de objetos, imagens, documentos considerados importantes à criação e reinvenção da memória, um meio de comunicação, construção e divulgação de conhecimentos científicos (GONÇALVES, 2012), e gerador de aprendizagem ativa (CAZZELI et al., 1999), por meio de estratégias educativas interativas de incentivo a aprendizagem.

Segundo Cazzeli (2005), na década de 1960, diante do desafio de superar o analfabetismo científico e tecnológico e, em vista do impacto gerado na sociedade americana pelo lançamento do Sputnik¹ (1957), ampliaram-se as abordagens para o ensino de ciências, dentre as quais destaca-se

¹ Primeiro satélite artificial lançando ao espaço pelos soviéticos, que se tornou emblemático como marco da inovação



a criação do primeiro “centro científico”- o *exploratorium*; um laboratório criado por Frank Oppenheimer, físico e professor de ciências, cujo objetivo era instigar a percepção sensorial humana, para que, além de contemplar e tocar os objetos, as pessoas pudessem tomar parte no processo científico.

No início do século XX, percebendo-se a importância de aliar a observação da exposição com a informação científica ao público em geral, buscou-se incluir a “interatividade” que, em suas dimensões cognitiva e prática, funciona como válvula ativadora de curiosidade já que oportuniza ao público a experimentação de fenômenos e a participação nos processos de demonstração e aquisição de informações, com o propósito de ampliar a educação científica dos frequentadores, a apropriação de conhecimentos, superando a ideia de preservação de acervos e contemplação de objetos (CIÊNCIA E PÚBLICO, 2002, p. 159).

Após gradativos avanços, os museus de hoje, embora comprometidos com a preservação do patrimônio cultural e ambiental, a universalidade do acesso e a valorização da diversidade, são espaços de relação dos indivíduos e das comunidades com seu patrimônio², articulados com bens culturais a serviço da memória social. Por conseguinte, seus discursos e linguagens expositivas, apresentam-se na forma de símbolos que representam a cultura das comunidades que produziram e usaram esses bens culturais (ALMEIDA; REIS, 2014, p. 4592).

É evidente que, como palco se simbolismos construídos e eleitos socialmente, as relações de poder e classe são adendos marcantes. Como esclarece Bourdieu (2011, p.13) é na produção dos significados, propriamente simbólicos, que a cultura produz e inculca historicamente as relações de sentido, mantendo o sistema de dominação interiorizado enquanto subjetividade.

Nesta esteira, o estudo pretendido justifica-se, pela necessidade de compreender o museu como ambiente educativo e histórico-social, com forte potencial para a comunicação, divulgação dos conhecimentos científicos e incentivo a aprendizagem para os visitantes da comunidade local, estudantes e turistas. Desse modo, atuando como canal de divulgação científica, o acervo do museu pode ser articulado ao conhecimento a comunicação, a formação do pensamento reflexivo, com o saber científico, mediante a inserção de discussões em torno da ciência e sua respectiva influência no cotidiano dos cidadãos (WAGENSBERG, 2008).

Objetiva-se nesse estudo, analisar os potenciais do Museu do Seringal Vila Paraíso para a realização de atividades turísticas e educativas de divulgação científica na cidade de Manaus - AM,

no ensino de ciências, desencadeando a elaboração de novos projetos curriculares para o ensino de ciências nos EUA, como uma reação à vitória científica dos comunistas (KRASILCHIK, 1980).

² Sentido valorativo de herança, seja de caráter material (tangível) ou imaterial (intangível).



contextualizando o Museu, como *locus* que, devido à sua essência de consagração da memória social, pode sediar práticas educativas que informem e influenciem o cotidiano dos visitantes; estudantes, público em geral e turistas.

Em face disso, mesmo pertencendo a universos distintos de conhecimentos e práticas, os museus e o turismo³, compartilham espaços, ações e interações humanas que precisam ser contemplados em nossos diálogos em favor da educação científica, desenvolvimento, fortalecimento das políticas públicas para a criação de programações educativas, na preparação de profissionais articulados a um departamento de educação e na elaboração de roteiros e mapas externos e internos, além de materiais impressos indispensáveis a divulgação de maior amplitude da ciência aos visitantes.

METODOLOGIA

Essa pesquisa faz parte de um conjunto de atividades que estamos realizando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), com visitas ao Museu do Seringal Vila Paraíso, a fim de realizar observação, investigação e coleta de dados. Com base numa pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador é o instrumento chave, o ambiente é a fonte direta dos dados, o resultado não é o foco da abordagem e o principal objetivo é a interpretação do fenômeno, objeto de estudo (GODOY, 1995; GIL, 2010), desenvolveu-se essa pesquisa, tomando como aporte a revisão bibliográfica de autores que abordam a temática do museu como espaço social, institucional, educativo e simbólico da cultura e da sociedade.

Como objetivos para este trabalho, tem-se: analisar os potenciais do Museu do Seringal Vila Paraíso para a realização de atividades turísticas e educativas de divulgação científica na cidade de Manaus - AM; relacionar turismo e museu como articuladores de divulgação científica; descrever algumas potencialidades do Museu do Seringal para a divulgação científica no âmbito das atividades turísticas e escolares da capital amazonense.

Optou-se por um enfoque fenomenológico, com a intenção de captar o saber perceptivo” com base na reflexão crítica, em busca de compreender a dialética entre as pessoas e o mundo.

³ Atividade que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu habitual por um período consecutivo inferior a um ano com finalidade de lazer, negócios, entre outros (OMT, 2001).



Destarte, para atingir o objetivo realizou-se a coleta de dados a partir de uma visita *in lócus*, tendo em vista a compreensão dos fatores existenciais em seus vários aspectos (MERLEAU-PONTY, 1999).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1 A relação entre turismo e museu como articuladores da divulgação científica.

Molina e Rodriguez (2001, p. 9), destacam que as explicações de ordem econômica sempre foram marcantes na teoria do turismo, porém estas não dão mais conta da complexidade do fenômeno e, por isso, as conceituações de ordem cultural são as mais abrangentes e completas. Ancorado a essa vertente cultural, o turismo deve ser considerado como produtor da cultura, ou capital cultural, no sentido amplo deste termo. Por conta disso, as explicações de caráter econômico tornaram-se insuficientes, ainda que significativas, diante da diversidade de dimensões do fenômeno.

Destaca-se então a concepção do turismo como fenômeno produtor de um acervo de capital cultural, com herança histórica, meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais geradoras de uma dinâmica sociocultural repleta de objetividade-subjetividade, que vem a ser consumida por milhões de pessoas (MOESCH, 2000, p. 20).

Essa dinâmica sócio-cultural incorporada ao turismo estende suas ações para a dimensão educativa, como um novo espaço geográfico situado além do contexto escolar, que mantém com este uma dinâmica de interação corroborando com a emergência de uma outra modalidade de ação educativa, que no caso do museu, depreende a observação e interpretação de manifestações culturais, documentos e artefatos que são transformados em atrativo⁴ para pessoas que buscam conhecer o outro e transformar esse conhecimento em movimento de abstração e fruição prazerosa.

Contudo, para que a dialética entre ser humano, cultura e ambiente seja ampliada é preciso que a organização do projeto expositivo atue na adequação das exposições e suas respectivas informações ao público visitante, preocupando-se em: agrupar exposição de acordo com sua

⁴ Atrativos turísticos são locais, objetos, equipamentos, pessoas, eventos, fenômeno, capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhece-los (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014, p.47).



temática, tendo o cuidado de distribuir os objetos ao longo do espaço, percurso ou sequência, disponibilizando-os através de aparatos tecnológicos, textos, imagens, suportes, e principalmente investindo na capacitação e qualificação de guias/mediadores “que envolvam o interesse e a curiosidade dos visitantes, especialmente grupos escolares e turistas” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014, p. 28) numa interação mais prazerosa e educativa.

Essa interação torna-se mais propensa a aprendizagem, quando o visitante associa as informações, impressões e descobertas vividas durante a visita, aos seus conhecimentos prévios/anteriores. No entanto, esse diálogo entre o museu e o visitante, suscita uma reflexão que abrange a relação de tempo, de espaço com o conhecimento particular além da presença e interpretação de objetos diversificados, estimulando a construção de significados.

Daí a importância empregada ao papel do mediador (MARTINS, 2005, p. 17) para a criação de situações onde o encontro com a arte, como objeto do conhecimento, possa ampliar a leitura e a compreensão do mundo e da cultura. De modo que, sua atuação humana como tradutor de diversas linguagens presentes no museu favoreça a aproximação entre o público e a exposição. Para Ribeiro e Frucchi (2007, p. 68), o mediador é sem dúvida um educador não formal, que ancorado a sua sensibilidade, referências culturais e demandas de informação teórica pode potencializar o enfoque científico, cultural e comunicacional do espaço que apresenta.

Entretanto, além de organização do percurso das exposições e estratégias de sensibilização, é “então indispensável ao ato comunicativo, para que esse seja eficiente, o acordo entre os sujeitos reciprocamente comunicantes” (FREIRE, 2011, p. 89). O Museu, mesmo carregado de intencionalidade e carga valorativa, necessita que os guias, percebam e respeitem as subjetividades do seu público visitante, levando em conta suas características psicossociais, culturais e afetivas (GONÇALVES, 2012, p. 31-32), para que a diversidade entre ambos se torne um ponto de identificação entre culturas.

Em busca dessa identificação com o visitante, o Museu precisa ultrapassar sua austeridade física e ser percebido como local que recebe todos os tipos de público, incorporando múltiplas abordagens para comunicar seus conteúdos, vivências e estimular a aprendizagem. É nesse bojo, que a divulgação científica executada em maior ou menor proporção em outros museus, além dos museus de ciências, passou a contribuir na articulação entre o conhecimento do senso comum com o saber científico, ao inserir discussões em torno da ciência e suas repercussões na cultura, criando bases para que os museus se refaçam e recriem-se neles próprios.



É nessa dinâmica, que a ação educacional nos museus, volta-se para o emprego de pessoal especializado como instituição de valor educativo (GONÇALVES, 2012; KNUBEL, 2004, p.129), com a finalidade de construir uma relação permanente com os públicos, formar e informar os visitantes através da realização de visitas orientadas, cursos, oficinas, palestras, elaboração de kits e cartilhas educativas, objetivando oferecer caminhos, novas linguagens, culturas e pensamentos.

2 Possibilidades de divulgação científica no Museu do Seringal.

A divulgação científica está cada vez mais presente em nosso cotidiano e tem sido abordada em diversos meios e mídias com diferentes pontos de vista, por jornalistas, cientistas, educadores em ciências, dentro das mais diversas perspectivas teóricas e filosóficas. Contudo, a ciência apresenta um aparato de linguagem, métodos e simbolismos socialmente negociados, afixados a um capital cultural que precisa ser socializado com os diferentes públicos; crianças, jovens, idosos e principalmente o público escolar e turistas.

Ao conceber a divulgação científica como “comunicação entre Ciência e Sociedade”, Gonzales (1992, p.19) sublinha como aspecto fundamental o uso de linguagem acessível para comunicar “os fatos e princípios da Ciência”, com a finalidade de influenciar de forma rotineira na vida dos cidadãos, tanto quanto a arte e a literatura (WAGENSBERG, 2008).

É nesse sentido que o Museu do Seringal, além de ser um atrativo turístico para visitantes nacionais e internacionais, contribui para a formação do cidadão, produção de conhecimento científico, criação e reconhecimento de identidades. Ao ser vinculado as atividades escolares, ganha novas interpretações, promovendo a familiarização dos estudantes e de um público diversificados de pessoas com o capital cultural da arte e da ciência.

Inaugurado em 16 de agosto de 2002, localizado numa área ribeirinha do Município de Manaus, no Igarapé⁵ Mirim, margem esquerda do Rio Negro, o Museu do Seringal Vila Paraíso (MSVP)⁶, é coordenado pela Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas (SEC), originou-se das instalações das gravações do filme “A Selva” do diretor Leonel Vieira, adaptação da obra do romancista e escritor português Ferreira de Castro, escrita em 1929, após quinze anos de sua saída do Seringal Paraíso, em Humaitá, no Amazonas, onde viveu e trabalhou por dois anos.

⁵Denominação regional dada aos riachos amazônicos, são cursos d’água de pequeno porte, caracterizados pelo leito delimitado, correnteza relativamente acentuada e baixa temperatura da água e seu leito tipicamente contém acúmulo de troncos e galhos caídos (CORRÊA; GERHARD; FIGUEIREDO, 2012, p. 215).

⁶ Dados extraídos com base nos documentos da Secretaria de Estado de Cultura.



A idealização desse espaço veio preencher a lacuna que os roteiros turísticos deixavam ao contar a história do período áureo de desenvolvimento econômico-social da Amazônia, baseado no extrativismo da borracha nativa, extraída da *hévea brasiliensis*⁷, que proporcionou um período de grande riqueza para as duas principais cidades da Amazônia: Manaus e Belém.

Visitado por estudantes, população local, turistas do Brasil e do Mundo (MACIEL, 2013), o ambiente do Museu do Seringal apresenta em seu conjunto de exposições temáticas, variados artefatos (utensílios de cozinha, vestimentas, móveis, dentre outros), que descortinam a possibilidade de reconhecimento de algumas pesquisas e realizações científico-tecnológicas, envolvendo o uso instrumental do látex, o cotidiano dos trabalhadores seringueiros e a inserção da borracha no mercado industrial europeu.

Essa troca de experiências socioculturais e aproximação da população em geral com a prática turística, como um processo de aprendizagem essencialmente pedagógico, fortalece o usufruto da “atividade turística” como instrumento de ensino, capaz de acionar o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e a ludicidade, no bojo de uma aprendizagem significativa sobre a relação entre o sujeito e o meio (PERINOTTO, 2008).

Desse modo, a visita ao Museu do Seringal, apresenta-se como uma proposta de atividade pertinente a *educação não formal*⁸ que objetiva cumprir o papel social da divulgação e popularização da ciência como instrumento de cidadania e apreensão de bens naturais e culturais, inclusive pelas novas gerações.

O Museu do Seringal apresenta um percurso de visitação que se inicia com a chegada ao trapiche, onde aportavam as embarcações para desembarque das mercadorias do barracão de aviamento e o embarque das cargas de borracha, levadas para as casas aviadoras de Manaus. Ao lado do ancoradouro encontra-se o barracão de armazenamento das pelotas de borracha.

Nos barracões de aviamento, local onde se desenrolavam os verdadeiros dramas e a face cruel das relações de trabalho entre o seringalista e os seringueiros, encontra-se a demonstração dos artigos manufaturados e industrializados vendidos aos operários da borracha, que submetidos a uma relação comercial de exploração, sempre ficavam devendo aos seringalistas, pois a borracha extraída nunca era suficiente para quitar seus débitos com o patrão (BATISTA, 2007).

Em seguida passa-se pelo Casarão, residência do seringalista, proprietário do Seringal, erguida sobre palafitas, com extensas varandas, de onde se visualiza a paisagem da floresta e do rio.

⁷ Espécie mais produtiva de seringueira (BATISTA, 2007).

⁸ Fazeres culturais, sociais e pedagógicos, com baixo grau de estruturação e sistematização, que nem por isso, reduzem sua intencionalidade educativa e podem contemplar o espaço do museu, praça, dentre outros (LIBÂNEO, 2010).



Decorado com móveis e objetos de época, o Casarão dispõe de uma ampla sala, com ambiente de jantar, sala de estar e canto de leitura e música, com um piano. Ao lado esquerdo do Casarão localiza-se o Barracão dos Seringueiros onde, geralmente, ficavam os nordestinos contratados para trabalhar no Seringal, enquanto aguardavam a determinação de onde iriam se instalar. Neste percurso encontram-se também; a capela da Sra. da Conceição, a sal de banho da esposa do coronel, a trilhas das seringueiras, o tapiri⁹ de defumação da borracha, o cemitério cenográfico, a estrebaria e a casa de farinha.

Neste espaço, que retoma o passado histórico, social e econômico da sociedade amazônica no século XX, tanto os estudantes quanto visitantes e turistas têm a oportunidade de interagir e dialogar com uma memória viva de experiências passadas e promover encontros das diferenças culturais, diferenças de produção de conhecimento (GONÇALVES, 2012, p. 76), o que confere ao museu a descrição de parceiro educativo imprescindível no contexto do mundo globalizado.

Diante do exposto, é importante destacar alguns problemas que afetam a prestação de serviços e a qualidade das oportunidades de informação dos visitantes para com o acervo deste e de outros museus, pois, além da dificuldade de acesso ao espaço físico, que pode se tornar um entrave na realização da aula extraclasse, existe ainda, a carência de recursos interativos, dentre os quais aponta-se; um mapa indicando o percurso externo e interno do roteiro da visita, placas informativas e a ausência da mediação realizada por pedagogos e outros profissionais, com domínio sobre os temas abordados.

Portanto, a realização de atividades turísticas e educativas no Museu do Seringal Vila Paraíso, com ênfase na disseminação de informações sobre ciência e tecnologia, quando realizada com mediação adequada, com utilização de recursos, técnicas e meios diversificados, poderá suscitar a composição de um novo gênero da difusão científica, capaz de promover a conexão entre o ser humano, o ambiente das exposições e o conhecimento científico.

Conclusão

A ocasião da pesquisa nos permitiu refletir sobre a importância do Museu do Seringal Vila paraíso como espaço material, simbólico e institucional que retoma o passado histórico, social e econômico da sociedade amazonense do século XX, contudo, o espaço e acervo temático deste

~~respectivo museu pode ser usufruído como ambiente de aprendizagem, divulgação e popularização~~

⁹ Cabana com tetos e parede de palha, erguida sobre quatro paus, sobre os quais colocavam quatro travessas de madeira, com assoalho de madeira paxeúba, uma pequena porta e uma pequena janela. Era a estratégia utilizada para o seringueiro pudesse trabalhar na confecção da borracha. (REIS, 1956, p. 97).



científica desde que a visita seja mediada mediante a introdução de práticas educativas planejadas por pedagogos e outros profissionais, que estimulem a formação do espírito investigativo e científico dos visitantes.

Diante do exposto, para que o Museu do Seringal se torne um espaço com maior potencial educativo e turístico, além da exposição de seu acervo cênico, é preciso que se invista na criação de programações educativas, na preparação de profissionais articulados a um departamento de educação, sendo necessário, também, a elaboração de materiais impressos que disponibilizem informações e proporcionem uma aprendizagem engendrada na prática e na reflexão, para compreensão da realidade observada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.Z.T.; REIS, M.A.G. S. **O museu como espaço interdisciplinar, simbólico e educativo**. In: XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação: além das nuvens, expandindo as fronteiras da Ciência da Informação. Anais. Disponível em: <enancib2014.eci.ufmg.br/programacao/programacao-detalhada-gt9>. Acesso em: 11 de mai. de 2016. p. 4591-4605.

BATISTA, D. **O Complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento**. 2.ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BUENO W.C. **Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais**. (2010). Londrina, PR. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/6585/6761>>. Acesso em: 07 de mai. de 2016.

CAZELLI, S. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** 2005. Tese (doutorado). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CAZELLI, S. *et al.* **Tendências pedagógicas das exposições de um museu de ciência**. In: Seminário Internacional Implantação de Centros e Museus de Ciências, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/Artigos/Seminario/Index.htm>>. Acesso em: 10.mar.2016.

CIÊNCIA E PÚBLICO: caminhos de divulgação científica no Brasil. Organização e apresentação de Luísa Massarani, Ildeu de Castro Moreira e Fátima Brito. Rio de Janeiro: Casa da ciência. Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum de Ciência e Cultura, 2002. Disponível em: <<http://museudavida.fiocruz.br/brasiliansa>>. Acesso em: 24 de marc. de 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CORRÊA, J.M.; GERHARD, P.; FIGUEIREDO, R. O. **Ictiofauna de igarapés de pequenas bacias de drenagem em área agrícola do Nordeste Paraense, Amazônia Oriental.** Revista Ambiente & Água - An Interdisciplinary Journal of Applied Science: v. 7, n.2, 2012. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ambiagua/v7n2/v7n2a17.pdf>>. Acesso em: 31 de mai. 2016. p. 214-229.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação.** Tradução Rosiska Darcy de Oliveria 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, A. S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

GONÇALVES, C. B. **Museus, espaços promissores à divulgação da ciência: o caso do Museu Amazônico da UFAM.** Dissertação de (Mestrado em Ciências da Comunicação). Manaus: UFAM, 2012.

Instituto brasileiro de museus. **Museu e Turismo: estratégias de cooperação – Brasília, DF: ibram, 2014.** Disponível em:< http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Museus_e_Turismo.pdf>. Acesso em 07 de mai. de 2016.

KRASILCHIK, M. **Inovação no Ensino de Ciências.** In: GARCIA W. Inovação Educacional no Brasil. Cortez. 1980.

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e pedagogos para que?** 12.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, D.F.C. **Museu, poder simbólico e diversidade cultural.** Museologia e patrimônio. v.3. n.2. jul.dez de 2010. Disponível em:<<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em: 22 de mar. de 2016.

MACIEL, H. **O potencial pedagógico dos espaços não-formais da cidade de Manaus.** Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, AM, 2013.

MARTINS, M.C. **Mediação: provocações estéticas.** Universidade Estadual Paulista-Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n.1, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MOLINA, S.; RODRÍGUEZ, S. **Planejamento Integral do turismo: um enfoque para a América Latina.** Bauru: Edusc, 2001.

OMT- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao turismo.** São Paulo: 2001.

PERINOTTO, A.R.C. **Turismo pedagógico: Uma ferramenta para educação ambiental.** Rio de Janeiro/ RJ. Caderno Virtual de Turismo (IVT – Instituto Virtual de Turismo). UFRJ. Vol.8. n.1. 2008.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REIS, A. C. F. **O seringal e o seringueiro**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. Governo do Estado do Amazonas, 1953.

RIBEIRO, N.G., FRUCCHI, G. **Mediação**: a linguagem humana dos museus. In: MASSA RANI, L., MERZAGO RA, M., RODA RI, P. (Org.), **Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007. p. 68-74.

Secretaria de Estado de Cultura/SEC. **Museu do Seringal Vila do Paraíso**. Disponível em: <www.cultura.am.gov.br/museu-do-seringal-vila-paraiso>. Acesso em: 25 de marc. de 2016.

WAGENSBERG, J. **Museu pra criança ver** (e sentir, tocar, ouvir, cheirar e conversar). In: MASSARANI, L. (Org.). **Ciência e criança: a divulgação científica para o público infanto-juvenil**. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2008.